

MAX KRÜGER

202  
E

IRENE

URGENTE

Solicitação do Valdir

○  
  
■ CAMA E MESA ■

○  
  
PELOTAS - 85

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

■ CAMA E MESA ■

■ Quando pronunciamos a palavra destino, não há ninguém que não conceba qualquer coisa de sombrio, de terrível e letal. ■

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

■ À jurema que me inspirou e ajudou

Max Krüger ■

Pelotas - 85

■ CAMA E MESA ■

Poderá sofrer o sábio?

PERSONAGENS

- . Maurício
- . Manuela
- . Lara
- . (Vanilda)
- . (J.J.)

.....

CAMA E MESA

De Max Krüger

Adaptação de texto

Manoel Magalhães

Iluminação e sonoplastia

Grupo GATA

Guarda-roupa

Manoel Magalhães

Trilha sonora

Manoel Magalhães

Montagem

Grupo Gata

Ass. direção

Max Krüger

Direção geral

Manoel Magalhães

Apoio

Centro de Estudos Cinematográficos "Pery Ribas"

Fundapel

RBS TVs

## INTRODUÇÃO

(ESTE TEXTO DEVERÁ SER GRAVADO EM FITA CASSETE, COM FUNDO MUSICAL E LIDO NO INÍCIO DA PEÇA, ANTES DA MENDIGA ENTRAR EM CENA).

- Peço licença a essa educada platéia para me apresentar. Sou o DESTINO e costumo tecer minha teia em torno das pessoas obedecendo critérios de comportamento das mesmas. Tenho por hábito não infiltrar-me deliberadamente na solução das vidas em geral, principalmente quando o livre-arbítrio é sabiamente utilizado. Existe no universo - e gostaria que todos soubessem - uma lei chamada "CAUSA E EFEITO", que anima os homens, transformando-os em peças de um intrincado jogo, cujo final vitorioso dependerá de cada jogador. Portanto, não me culpem por qualquer coisa que possa lhes acontecer, pois nas mais variadas vezes não me sinto culpado das tragédias individuais e, dependendo das condições, as coletivas igualmente estão fora da minha competência. Prestem bem a atenção ao drama a ser encenado agora, o qual é exemplo fictício de uma verdade incontestável. E, asseguro-lhes que história semelhante deve estar acontecendo agora em qualquer lugar do mundo, interpretada, na realidade, por insensatos seres humanos.

1º ATO

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA 1

MENDIGA

(PALCO VAZIO. ENTRA, CAMINHANDO LENTAMENTE, ATRAVÉS DA PLATÉIA, UMA MENDIGA ANTRAJOSA. ELA BATE SECAMENTE COM A BENGALA NO CHÃO. EM CIMA DO PALCO, DE CORTINAS AINDA FECHADAS, ELA PÁRA, OLHA A PLATÉIA E CONTINUA CAMINHANDO, POR VEZES CATANDO ALGUMA COISA NO CHÃO. ATRAVESSA TODA A EXTENÇÃO DO PALCO. MÚSICA DURANTE O PERCURSO DA MENDIGA).

música

CENA 2

LARA E

MANUELA

(SALA, CONVENIENTEMENTE DECORADA, NUM APARTAMENTO TÉRREO. ENTRA LARA, DE VASOURA NA MÃO, CANTANDO E DANÇANDO; MÚSICA DURANTE A CENA.

música

baixar vol.

LARA - Sonhei que um príncipe encantado viria me buscar hoje. Chegará montado num cavalo branco, e nós vamos casar e dançar! (PAUSA) Vocês acham que eu não tenho cara de princesa? Não! Que importa! Basta eu acreditar e serei uma princesa! Feliz! Para cantar e dançar! (PAUSA)

(ENTRA MANUELA, MUITO SÉRIA)

LARA - Ué, não vai a aula hoje?

MANUELA - Não, não vou.

LARA - Por que não?

MANUELA - A universidade esta um lixo! Manifestação de estudantes por to

S. B. A. T.

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE PARA FINS DE CENSURA DO TEXTO, AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO.

*Del Poole*  
Representante em Pelotas

5/3/85

do o lado, às vezes até briga corporal.

LARA - Por que?

MANUELA - Os estudantes lutam por ensino gratuito e desejam escolher democraticamente o reitor.

LARA - (VOLTANDO A VARRER) Só por isso! Ora, que bobagem. Não estudar só porque a universidade está enfrentando alguns problemas com jovens metidos a comunistas. Não tu, Manuela, que tens chance de pagar a universidade. E não és comunista, ou penso que não sejas!

MANUELA - Será possível que ser universitário no Brasil é sinônimo de comunista. Lutar por justiça, minha irmãzinha querida, não significa optar pelo comunismo. Eu não sou comunista só porque desejo justiça!

LARA - Tu não és comunista, mas "eles", os homens, não querem saber. Vão logo taxando os universitários de comunistas.

MANUELA - (LEVANTANDO-SE) Eu com isso realmente não me importo.

LARA - Tu não te importa, mas eu sim. Apesar de seres mais velha e em tese a mais responsável, me sinto na obrigação, Manuela, de te abrir os olhos. Não jogue anos e anos de estudos por causa vã e que obviamente não vai dar em nada. Escute bem o que vou dizer, Manuela. Os comunistas de hoje, aqueles que andam pelos corredores da universidade,

com calças Lee e tênes chulezentos, citando Marx e Engel, serão daqui a mais tempo executivos, capitalistas, advogados corruptos, jornalistas vendilhões, médicos sem um pingão de humanidade, tirando os últimos trocadinhos de um povo já miserável e sem destino.

MANUELA - Esta fala deveria ser minha, Lara. Estas falando como uma assumida, e não como uma alienada que parece ser, todo o dia de vassoura na mão, com mania de limpeza, sonhando com "príncipes" encantados!

LARA - Não sou o que tu imaginas que eu seja. Sou até bastante esclarecida e realista. Por isso eu repito: vá a aula, não adianta nada ficares solidária a um bando de universitários que amanhã, quando a necessidade de sobrevivência bater à porta, venderão a alma ao demônio em troca das facilidades que a vida possa vir a oferecer a eles.

MANUELA - Puxa, Lara, que idéias de tu tens na cabeça. Onde está a doméstica, sempre as voltas com as panelas e do fogão, procurando um homem para casar e viver uma vida simples?

LARA - Repito, Manuela. Sou uma realista, uma mulher que compreende a natureza humana.

MANUELA - Lara, o que tu achas de Maurício?

LARA - Queres que eu seja honesta?

MANUELA - Sim, Claro!

LARA - (AVANÇANDO ATÉ A RIBALTA) Ela de  
seja que eu seja honesta. Pois vou ser.  
É um crápula!

MANUELA - Ei! Isso é ofensa!

LARA - Eu fui objetiva, Manuela. Nunca!  
gostei de Maurício. E fico admirada que  
uma mulher assumida como tu és, interes  
sada pelo bem da comunidade, com princí  
pios morais acima da média, relacionar-  
se com um sujeito cujo mal caratismo es  
ta escrito na testa.

MANUELA - Uma coisa não tem nada a ver'  
com a outra. Eu amo ele.

LARA - (TIRANDO O PÔ DA POLTRONA) Este  
relacionamento estúpido ainda vai te  
custar muito caro, Manuela. Ninguém a-  
ma um homem como Maurício e permanece'  
feliz por muito tempo.

MANUELA - (PEGANDO LARA PELO BRAÇO) Es  
tas enciumada, Lara. Ainda não encon  
trasses ninguém como o Maurício nessa  
tua medíocre vida doméstica. Por is-  
so ficas mandando contra ele.

LARA - Deixe de história, Manuela. Sou  
uma mulher prática e inteligente. Não  
costumo ficar me envolvendo com ho-  
mens insensíveis, do tipo que gosta '  
de se aproveitar de mulheres que se  
dizem liberadas e feministas...

MANUELA - Estas me chamando de puta!

LARA - Existe outra demoninação para  
uma mulher que age assim?

(MANUELA BATE VIOLENTAMENTE EM LARA. A IRMÃ AVANÇA LENTAMENTE ATÉ A RIBALTA).

LARA - Eis a arma dos covardes: a violência. Não é atoa que o mundo ainda vai explodir qualquer dia desses, pois a insanidade campeia!

MANUELA - Desculpe, Lara. esta não era a minha intenção. É que tu me deixa assim com raiva. Fica dizendo coisas de Maurício e de mim. Puxa, irmã, será possível que tu não compreendes o nosso relacionamento. Maurício... Maurício.. ele não é tão ruim assim; pode ser um pouco malandro, sempre arranjando desculpa para não trabalhar, mas é uma gracinha de homem!

LARA - Faça o que achar melhor, Manuela. Não quero me meter mais na vida de vocês. Mas depois não diz que eu não te avisei!

MANUELA - Quero que tu me desculpe pelo tabefe. Eu me descontrolei.

LARA - Tudo bem. Esqueça. Acho bobom ir embora. Já é quase hora da escola.

(LARA SAI, ENQUANTO MANUELA FICA CHATEADA COM O ACONTECIDO. ASCENDE UM CIGARRO. APAGAM-SE AS LUZES).

CENA 3

LARA E

MANUELA

(SALA DE JANTAR. LARA E MANUELA COMEM EM SILÊNCIO; APÓS ALGUNS INSTAN-

TES LARA QUEBRA O SILÊNCIO).

LARA - Fiquei feliz com teu aumento de salário, Manuela. Trabalhar no Grupo Empresarial do dr. Graciano Bulazone, um italiano de rígidos princípios morais, comendador dos mais abonados, é uma maravilha.

MANUELA - Também fiquei feliz. A vida está difícil para todo o mundo. Um pouquinho de dinheiro a mais sempre vem bem.

LARA - Que bom, Manuela. Só não fales nada ao Maurício, senão ele vai acabar metendo a mão no dinheiro que estas mercidamente ganhando a mais.

MANUELA - Não gostei...

LARA - Desculpe...

MANUELA - (APÓS ALGUM SILÊNCIO) Nessa nova função que estou, chefe do setor financeiro, responsável pelos pagamentos da empresa, eles até me confiaram o segredo da caixa-forte.

(MAURÍCIO, QUE ENTRAVA EM CENA, PAROU DE REPENTE E PERMANECEU QUIETO OBSERVANDO A CONVERSA DAS DUAS IRMÃS).

LARA - Mas isso é bom?

MANUELA - Claro que é. Significa que eles confiam em mim, totalmente!

LARA - Mas é muito responsabilidade, Manuela.

MANUELA - Mas é por pouco tempo. Só enquanto o dr. Lúcio estiver viajando. Depois eu continuo fazendo o meu serviço,

Teatro de Aracaju

e é claro que com o mesmo salário...

LARA - Fico mais aliviada...

MANUELA - Não entendo a tua preocupação, Lara?

LARA - Bobagem...

MANUELA - Amanhã tenho de fazer o pagamento da empresa. Passei hoje praticamente o dia inteiro recolhendo um dinheirão dos bancos.

música

(MAURÍCIO COMEÇA A RIR, EM SILÊNCIO, DANÇANDO FELIZ COM AS REVELAÇÕES DE MANUELA).

baixar vol.

LARA - Eu não gosto de trabalhar com muito dinheiro, é perigoso...

MANUELA - Perigoso nada. Basta um pouco de cuidado e as coisas ficam bem organizadas. Mas o cofre, minha irmazinha, ficou recheado de grana, com um cheirinho incrível!

LARA - Por que não recolheste o dinheiro no dia do pagamento?

MANUELA - Não daria tempo. E eu quero fazer o pagamento bem cedo.

LARA - Eu pensei que as grandes empresas pagassem os empregados através do banco.

MANUELA - É uma velha tradição de família, Lara. Os Bulazones sempre trabalharam assim. Tem qualquer coisa de paternalismo nesse método de pagamento.

LARA - Não há perigo de roubo?

MANUELA - A segurança é ótima. E somente eu, além do dr. Lúcio, sabem!

da combinação do cofre!

LARA - Menos mal... Bem, vamos tirar a mesa... que almoço prolongado o de hoje...

(MAURÍCIO RETIRA-SE RAPIDAMENTE, ENQUANTO AS IRMÃS LEVANTAM-SE, APAGAM-SE AS LUZES).

CENA 4

MAURÍCIO

LARA

MANUELA

(MANUELA, SENTADA, FUMA NERVOSAMENTE).

MANUELA - Por que os homens nunca são pontuais. Será possível que Maurício está me dando outra rasteira? Não acredito, não. Ultimamente ele anda tão amado. Deve ter acontecido alguma coisa...

(ENTRA LARA, FELIZ, DIRIGINDO-SE PARA UM ESPELHO EXISTENTE NUM CANTO DA SALA).

LARA - Eu e J.J. vamos ao cinema. Vamos ver "OS Dez Mandamentos".

MANUELA - Fico feliz em te ver enamorada. Encontrar um homem bom, honesto, sempre foi teu sonho. Ele é bom demais, mas tudo bem.

LARA - O que tens contra os homens bons demais?

MANUELA - (SACUDINDO OS OMBROS) Realmente nada, Lara. Só acho que as pessoas boas demais sofrem também demais.

LARA - Também acho. Se tu não fosses o

(14)

que és, Manuela, há muito tempo que te rias abandonado um homem como Maurício.

MANUELA - Lá vem tu malhar mais uma vez. Vê se esquece o pobre do homem. Ele é só um pouco desajustado.

LARA - (BEIJANDO A IRMÃ) Não esta mais aqui quem falou. Vou esperar J.J. lá embaixo; ele já deve estar lá. Ele sempre é pontual...

MANUELA - V, vá, Larinha... maninha querida, que não larga do pezinho de sua irmazinha...

(LARA SAI, DEIXANDO MANUELA AMUADA)

MANUELA - Ela está certa! Maurício é um sem-vergonha!

(MAURICIO ENTRA, LENTAMENTE, CAMINHANDO POR TRÁS DE MANUELA. ELA FUMA NERVOSA. O HOMEM SE APROXIMA E PÕE AS MÃOS NOS OLHOS DE MANUELA).

MAURÍCIO - Adivinhe quem veio para amar?

(MANUELA DÁ UM PULO)

MANUELA - Seu infeliz, cretino!... Isso são horas de chegar!

(MAURÍCIO SORRI DE MODO CÍNICO)

MAURICIO - Ora, meu anjo. Eu estou aqui, não é mesmo. É o quanto basta... E meu beijo?

(MANUELA FICA SEM SABER O QUE FAZER. DE POIS ATIRA-SE NOS BRAÇOS DE MAURÍCIO, O QUAL A BEIJA NOS LÁBIOS).

MANUELA - Seu safado... Por que demoras-te?

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - C.F.P. 90020-025

MAURÍCIO - Problemas de engarrafamento.

MANUELA - Vamos sair?

MAURÍCIO - Primeiro quero tomar um uis  
quinho.

(MANUELA VAI ATÉ O BARZINHO E PREPARA'  
O UISQUE DE MAURÍCIO. RETORNA AMOROSA)

MANUELA - Esta bom assim?

MAURÍCIO - Ótimo!

MANUELA - Como estas mudado, Maurício.  
Estas mais amoroso. O que houve?

MAURÍCIO - Nada. Simplesmente estou te  
amando mais.

MANUELA - Sem mais nem menos?

MAURÍCIO - Sem mais nem menos... (PAU-  
SA) Manuela... Tenho algo para te fa-  
lar... algo muito importante.

MANUELA - O que é, Maurício?

MAURÍCIO - Somos dois duros, não é? Sa-  
bes como sei eu, que a vida não está  
fácil para ninguém. Minha profissão  
de contador não dá para garantir um  
futuro radioso para uma mulher como  
és. E, também sabemos, que teu curso  
universitário não passa de uma piada.  
Filosofia! Filosofia não enche barriga  
e não paga contas de ninguém!

MANUELA - Não entendo! O que queres  
dizer com todo esse discurso de ma-  
landro p'ra cima de mim?

MAURÍCIO - Malandro não. Sou um su-  
jeito que sabe escolher, que tem bom  
gosto e não deseja trabalhar em troca

gindo do outro... arrombando bancos, es-  
tourando cofres... É realidade!

MAURÍCIO - Não será necessário estourar  
cofres. Basta abrir um...

MANUELA - Abrir como?

MAURÍCIO - Com uma chave e um segredo.'

MANUELA - Que chave, que segredo?

MAURÍCIO - Segredo daqui e chave da-  
qui...

MANUELA - Estas ficando louco, doido '  
varrido.

MAURÍCIO - É tudo tão fácil, Manuela.'  
É só ter coragem!

MANUELA - Eu não de nada... nada!

MAURÍCIO - Não minta! Eu ouvi uma con-  
versa entre tu e Lara quando almoçavam.  
Percebi algo que me interessava e fi-  
quei escutando...

MANUELA - (TENTANDO BATER EM MAURÍCIO)  
És um canalha!

MAURÍCIO - Um canalha que te ama. Que  
quer te cobrir de riqueza dos pés a ca-  
beça, mas é um duro, um miserável de-  
sempregado!

MANUELA - Não tens o direito de me pe-  
dir isso. Estas abusando do meu amor!

MAURÍCIO - Tu não me amas. Se me amas  
ses de verdade farias o que te peço. É  
a solução para nossas vidas. Não vive-  
rias mais trabalhando como uma escre-  
va, ganhando um salário microscópico,  
e terias a teu lado um homem rico, a-  
paixonado, que mostraria o mundo que

tu não conhece!

MANUELA - (CHORANDO) Por favor, não me peça isso. Eu não posso fazer, é contra os meus princípios...

MAURÍCIO - Princípios... Não adianta nada ter princípios. Vive-se uma vida inteira com princípios morais, código de comportamento, certinho como a sociedade quer; mas ela, como uma madrasta, nos maltrada, nos esmaga como um rolo compressor, destruindo nossas ilusões, sonhos ardentemente planejados!

MANUELA - Precisamos lutar por nossos sonhos!

MAURÍCIO - Mais do que eu já lutei. Essa não, Manuela. P'ra mim chega. Não suporto mais a miséria.

(MANUELA TORNA A SENTAR. MAURÍCIO APROXIMA-SE E AJOELHA-SE)

MAURÍCIO - É nossa chance, Manuela. É que oportunidade... Única! Vamos viver séculos até termos outra igual. Vamos aproveitar o presente... Vamos lá minha menina teimosa!...

MANUELA - Não! Não mesmo!

MAURÍCIO - Mas que droga, Manuela! Vê se esquece um pouco teus ultrapassados princípios morais... Essa mania que tens de resolver todos os problemas de modo conciliatório. Onde está a moça revolucionária que conheci na faculdade? Que desejava mudar a face do mundo, mesmo violentamente. U

ma garota que usaria de uma arma para matar ideologicamente! Que roubaria pelos mesmos motivos! Onde ela está? Eu digo onde ela está! Digo sim! Escondida atrás de um carginho um pouco mais remunerado do que o comum! Escondida atrás de uma falsa aparência de burguesa, contrariando todo o esquema de vida que havia planejado para si...

MANUELA - Cala a boca, Maurício. Não admito que fales assim comigo.

MAURÍCIO - Ora, ora, ela ficou irritadinha. Escute uma coisa, Manuela, e não esqueça. Se não fizermos a coisa como eu planejei, daqui há alguns anos ambos seremos velhinhos e arrependidos de não termos sido inteligentes. Eis nossa oportunidade!

MANUELA - Eu não sei, e se não der certo? A polícia pode nos pegar.

MAURÍCIO - Não, não! Eu já planejei tudo... Estou com o carro estacionado aí na frente, com pintura nova, as placas são as originais, ou seja, as verdadeiras, porque as que usei durante o tempo que estou aqui eram falsas, prefixo e cidade diferente!

MANUELA - Tudo isso é uma loucura!

MAURÍCIO - Loucura nada! Vai dar tudo certo. O carro vai ficar próximo ao escritório; com uma valise tu entrarás no prédio, alegando qualquer

coisa coerente, e pronto... cofre aberto e nós completamente ricos, Manuela.

MANUELA - Não vai dar certo...

MAURÍCIO - Vai dar sim... Basta querer. Vá fazer as malas, Manuela. Não podemos perder tempo.

MANUELA - Eu não vou ...

(MAURÍCIO PEGA MANUELA PELOS EMBROS)

MAURÍCIO - Escute aqui, mulher, ou te arrependerás mesmo! Faz exatamente o que te pedi.

(MANUELA SAI DE CENA AGS EMPURRÕES. MAURÍCIO COMEÇA A RIR E A DANÇAR.)

MAURÍCIO - Finalmente chegou meu dia! Ninguém dá azar a vida inteira. Chega o dia em que a sorte muda. Milhões' de cruzeiros a minha disposição. Não é chance de se perder!

(MANUELA RETORNA SEM GEITO)

MANUELA - Não sei onde puseram as malas...

MAURÍCIO - Que malas? Malas! (RI) Quem está preocupado com malas. Poderemos comprar uma fábrica de malas. Vamos em bora!

(SAEM DE CENA. APAGA-SE A LUZ)

### CENA 5

LARA

(ENTRA LARA, OLHANDO PARA O RELÓGIO)

LARA - É tão tarde e a luz esta acesa. Será que Manuela está ainda acordada? Manuela! Manuela! Ei Manuela, onde estas! Acho que ela saiu... Bem, acho

(21)

que vou dormir. O filme é bom mas muito grande... e aquela explosão, que horror!

(APAGA A LUZ DO ABAJUR E SAI DE CENA).

FIM DO 1º ATO

2º ATO

**Teatro de Arena**

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA 6

LARA

(PALCO ILUMINA-SE. TOQUE DE CAMPANHINHA)

LARA - Já vai... já vai... paciência!

(ATENDE A PORTA. RETORNA COM UM TELEGRAMA. ABRE-O UM POUCO NERVOSA. LÊ)

música

LARA - J.J. morreu! Morreu. Inacreditável!

(SENTA-SE NUMA CADEIRA PRÓXIMA. ABATIDA. DEPOIS, UM POUCO APRESSADA VAI AO TELEFONE. PROCURA NA GUIA UM NÚMERO. DISCA RAPIDAMENTE.)

diminuir vol.

LARA - Alô, é da companhia de aviação? Eu gostaria, por favor, de saber se José Jorge da Rosa está incluído na lista de vítimas do vôo 366 da empresa? É a mulher dele que esta falando. (PAUSA) Como não podem dar informações pelo telefone. É a mulher dele. Por favor! Fala. (PAUSA) É verdade? (PAUSA) Obrigada. (PÕE O TELEFONE NO GANCHO. CAMINHA VACILANTE, LENDO E RELENDO O TELEGRAMA. APERTA O PAPEL SOBRE O PEITO)

LARA - J.J. morreu! O que fazer agora? Quem vai me acarinhar? Quem vai discutir comigo. Quem vai me levar ao teatro? Quem? Quem?

aumentar vol.

(APAGAM AS LUZES)

CENA 7

MANUELA

MAURÍCIO

(MÍSERÁVEL QUARTO. DE MOBILIA APENAS UMA CAMA E UMA MESA. MAURÍCIO DORME NA CAMA)

música

MA. ENTRA MANUELA, PUXANDO DA PERNA DIREITA. ELA JOGO ALGUMAS MOEDAS DENTRO DE UMA LATINHA E APROXIMA-SE DA MESA E SERVE-SE DE UM COPO D'ÁGUA. MAURÍCIO ACORDA E SENTA-SE NA CAMA.)

diminuir vol.

MAURÍCIO - Olhe, olhe, quem chegou. Dona Manuela. Como foi o expediente hoje, querida?

MANUELA - Bom...

MAURÍCIO - (RI) Bom. Só? Ei, Manuela, isso não é resposta...

MANUELA - Foi bom...

MAURÍCIO - (DEIXA A CAMA RINDO. PEGA A GARRAFA E TOMA MAIS BEBIDA.) Bom. Ela diz que foi bom, quero detalhes, Manuela! Quanto foi? Muito, pouco, mais ou menos?

MANUELA - Eu já falei, Maurício. Foi bom. Os homens estavam dispostos hoje. Não é sempre, mas hoje eles estavam a fim...

MAURÍCIO - Bom, é? Que foi que eles fizeram com você?

MANUELA - Que pergunta estúpida, Maurício! O que eles poderiam fazer com uma puta!

MAURÍCIO - Não fale! Não precisa dizer...

MANUELA - (SORRINDO TRISTEMENTE) Tens vergonha, meu amor? Tua mulher é uma vagabunda, vadia, mas continuas sendo mantida por ela, não é mesmo?

(MAURÍCIO RINDO)

MAURÍCIO - Eu alimentado por ti? Essa

é boa! Posso muito bem me manter. Tenho uns bicos por aí...

MANUELA - Mentira! Tens é amantes por aí! Eu é que trabalho! Passo o dia lavando roupa suja, imunda, e à noite me entrego aos bebados, aos solitários, aos maridos traídos que pegam mulheres da minha laia para se desrecalcarem!

MAURÍCIO - Eu nunca forcei nada! Manuela! Tu é que escolheste essa vida!

MANUELA - Eu! Mas que miserável! Tu és um louco, Maurício. Quem me tirou de casa foi tu! Quem teve a idéia de roubar a empresa foi tu! Quem gastou toda a crana com outras mulheres e jogo foi tu! Quem se faz de doente para não trabalhar é tu!

MAURÍCIO - (RINDO) Mas quem ficou comigo foi tu!

MANUELA - Fui forçada!

MAURÍCIO - Forçada nada, Manuela. Tu me amas, e quando uma mulher ama um homem faz tudo por ele.

MANUELA - Faz muito tempo que não te amo!..O que somos é dois masoquistas nos punindo pelas burrices da juventude. O nosso amor foi uma doença grave, hoje é um câncer!

MAURÍCIO - Deixe de besteira, Manue-la. Onde está o dinheiro...

MANUELA - No lugar de costume...

MAURÍCIO - (RINDO) Ela disse no lugar de costume... Vocês ouviram... No lu-

MAURÍCIO - Que presente é, querida? uma carteira de cigarros? Uma garrafa de uísque? Vamos, diga o que é?

MANUELA - Calma, calminha... logo logo terás o teu presentinho...

(MANUELA APROXIMA-SE LENTAMENTE)

MANUELA - É algo definitivo, Maurício. Tua vida vai melhorar substancialmente. Não beberás mais, não fumarás...

MAURÍCIO - Até parece os dez mandamentos (RI)

MANUELA - É qualquer coisa parecida...

MAURÍCIO - Vamos, mulher, diga o que é e deixe de onda!

MANUELA - Tenha paciência, meu amor! É algo para esquecer essa vida de miserável, de gigolô, de eventual batedor de carteira...

(MANUELA ABRE LENTAMENTE A BOLSA E TIRA UM REVÓLVER).

MAURÍCIO - Guarde esta arma Manuela.

(RI) Tu não saberia o que fazer com ela. Nem sabes atirar...

MANUELA - Seu cretino safado, Não acreditas em mim, não é mesmo. Mas vou te matar como um cão! Eliminar um sujeito que me enganou uma existência inteira... Eu não resisto mais, Maurício! (APONTA A ARMA PARA MAURÍCIO. ESTE FICA SÉRIO E RECUA NA CAMA. DEPOIS NUM SALTO ÁGIL PULA PARA O CHÃO ESCONDENDO-SE ATRÁS DA MESA.)

MAURÍCIO - Espere, Manuela. Que histó

ria é essa. Eu te amo! Sempre te amei! Apesar das nossas briguinhas...

MANUELA - Brigrinhas! Chamas de briguinhas verdadeiras pauleiras... Não Maurício, p'ra mim chega. Não suporta nem mais um minuto a vida a teu lado. Cansei de me submeter as tuas chantagens, a essas ameaças de me deixar de amar ' se eu não fizesse isso ou aquilo. Não, chega! Não suporto mais. E com o resto de dignidade de mulher que me resta, ' vou fazer justiça eliminando um sujeito como tu, Maurício, que nunca trouxe bem nenhum à sociedade... És uma praga que precisa ser eliminada...

MAURÍCIO - Pense um pouco, Manuela. Fomos felizes! Nós fomos felizes, não fomos? Eu te ofereci tudo que um homem pode dar a uma mulher...

MANUELA - Isso é conversa mole, Maurício. Não acredito mais em ti... E te afasta, viu! Conheço muito bem teu jeito de tigre manso!

MAURÍCIO - Mas que troga, Manuela. Será possível que um amor tão grande como o nosso vai acabar assim? Num crime passionai! Gozamos a vida como poucos, amor! Tá certo, eu admito que usei todo o dinheiro do roubo da fábrica, mas isso não quer dizer que eu tenha deixado de te amar!

MANUELA - Ama nada! Um homem que ama uma mulher não a prostitui... não

(29)

a joga na lama!

MAURÍCIO - Espere! Calma. Vamos conversar! Estas nervôsa, Manuela.

MANUELA - Nervosa nada. Te ajoelha, covarde. Quero ver agora se tu é homem de fato. Como ele treme, acho que vai se mijar de medo!

MAURÍCIO - Estás louca, louca!

MANUELA - Eu louca? Nunca estive tão controlada na minha vida. (PAUSA) É o ponto final de uma história triste, Maurício!

MAURÍCIO - Por favor, Manuela, não faça essa loucura!

(MAURÍCIO AVANÇA EM DIREÇÃO A MANUELA; ESTA FAZ UM DISPARO QUE ATINGE MAURÍCIO NO PEITO.)

MAURÍCIO - Por que? Por que?

(MAURÍCIO CAI AOS PÉS DE MANUELA. A MULHER GUARDA A ARMA E PASSA POR CIMA DO CADÁVER DE MAURÍCIO. VIRA-SE E DÁ UMA GUSPIDA NO CORPO. RECOLHE AS MOEDAS E ATIRA UMA EM DIREÇÃO A MAURÍCIO. QUASE SAINDO DE CENA DÁ OUTRA GUSPIDA).

música.

CENA 8

LARA

VANILDA

música

(NOITE. LARA, SENTADA NUM SOPÁ, FAZ TRICÔ, USANDO ÓCULOS NA PONTA DO NARIZ. PÁRA E LEVANTA A CABEÇA.)

diminuir vol.

LARA - Faz já algum tempo, não sei exatamente quanto, que J.J. morreu.

aumentar vol.

(RECOMEÇA O TRICOTEIO)

(PÁRA O TRICOTEIO)

LARA - Acidente da avião. Que coisa Estúpida. Também, não sei porque esta mania de velocidade. (PAUSA) Nunca havia andado de avião, quando resolveu, cata-pimba, cai o avião. (PAUSA) Que sujeito azarado o J.J. Se comia peixe, engasgava-se com uma espinha; caso fosse à praia, os salva-vidas eram sempre acionados. (PAUSA) Lembro quando nos conhecemos; iam muito ao cinema. De uma feita fomos ver os dez mandamentos. Ao lado do cinema havia uma revenda de botijões de gás. Imaginem o que aconteceu? Imaginaram? Foi tudo pelos ares! (PAUSA) LEVANTA-SE E CAMINHA ATÉ A MESA. SERVE-SE DE ÁGUA.)

LARA - Pouco antes de sua morte trágica ele queria o divórcio. Vê se pode? Entrou aqui, na sala, e bombardeou: Lara, quero o divórcio! Fiquei espantada, mais espantada ainda se alguém me disesse; do na Lara, a inflação baixou. (PAUSA) Senti vontade de chorar, mas não chorei, Jurei nunca chorar na frente de ninguém, principalmente na frente de homem. (COM VOZ PAUSADA) Disse ele que nossa relação acabara e que tinha sobrado apenas os vícios conjugais, como "dormiu bem, sonhou, teve pesadelos, necessitou contar carneirinhos; desculpe, Lara, mas hoje não consegui; me perdoe J.J., estou no "período". (PAUSA) Fiquei escutando ele falar, com vontade de comer!

seu fígado! (PAUSA) Mas quando ele falou em justiça em explodir. Justiça! Justiça! O que sabe a justiça de amor, de amizade, de carinho, da quantidade de sal num prato de estrogonofe. Nada. Nada. (PAUSA) Ele ficou me olhando humilhado. Aproximou-se de mim, olhos brilhantes, homicidas. Me senti naquele momento uma barata repugnante que alguém de chinelo na mão, corre desesperadamente atrás para esmagar com prazer mórbido. (PAUSA) Ele parou. Perdeu de vista a barata ou se arrependera do gesto tresloucado? Em seguida saiu e nunca mais o vi, a não ser no dia do enterro, esticado dentro do caixão, com os olhos esbugalhados olhando não sei o quê.

música

(TORNA A SENTAR. RECOMEÇA O TRICOTEIO. SOA A CAMPANHINHA)

LÁRA - Quem pode ser. Não Espero ninguém... e chove p'ra muito lá fora...

sons de chuva e tormenta

(LARA LEVANTA-SE E ATRAVESSA A SALA. ABRE A PORTA E OUVI-SE O SEGUINTE DIÁLOGO).

VANILDA - Boa noite (TOSSE)

LARA - Boa noite... A senhora deseja alguma coisa?

VANILDA - Estou cansada, com frio, doña... moitada e doente como um cão...

LARA - Entre, entre por favor...

(REAPARECE LARA ACOMPANHADA DE UMA MULHER DE ASPECTO HORRÍVEL)

LARA - Vamos sentar. A senhora me parece muito doente.

(LARA ACOMODA A MENDIGA NUM SOFÁ-CAMA)

LARA - Fique sentadinha aqui, vou buscar uma toalha para a senhora secar o rosto um pouco...

(LARA SAI E VANILDA FICA OLHANDO TUDO COM OLHOS CURIOSOS. LARA RETORNA.)

LARA - Tome, seque-se um pouco...

VANILDA - A senhora mora aqui sozinha?  
(TOSSE)

LARA - Sim. Meu filhos estão crescidos... casados... e meu marido morreu faz alguns anos.

VANILDA - Que pena... (TOSSE)

LARA - A senhora me parece doente, dona...

VANILDA - Vanirda...

LARA - Vanirda? Ah! Vanilda! (PAUSA) Tenho a impressão de conhecer a senhora de algum lugar. Me parece muito familiar.

VANILDA - Parece não... (TOSSE) nunca tive por aqui. A solidão veio me trazendo...

LARA - Mesmo assim... Tenho a impressão de conhecê-la há muito tempo.

VANILDA - (TOSSE) Bobage, dona. As vezes a gente pensa que se conhece arguem e é tudo mentira.

LARA - Pois é... Vou examiná-la, dona Vanilda. Não estou clinicando mas ainda dá para diagnosticar alguma coisa. (LEVANTA-SE E SAI DE CENA. VANILDA FICA TOSSINDO. LARA RETORNA COM UMA MALETA DE MÉDICO. ABRE-A RETIRAN

DO APETRECHOS MÉDICOS. PASSA A EXAMINAR VANILDA.)

LARA - Vai ser tudo rápido, dona Vanilda. Logo, logo a senhora estará bem...

VANILDA - Brigada, dona, mas não precisa... (TOSSE) Ando me sentindo tão doente, tão cansada. Não sei como fico de pé, sabe dona...

LARA - É a fraqueza...

VANILDA - Como tou dona?

LARA - Mais ou menos... Mas acho necessário hospitalizá-la. Precisa de umas vitaminas.

VANILDA - vi u quê!

LARA - Vitaminas!(PAUSA) Deixe eu ver como estão suas pernas. (ABAIXA-SE E OBSERVA AS PERNAS DE VANILDA.)Vamos... Temos que ir mesmo ao hospital...

VANILDA - Hospitá!...

(LARA AJUDA VANILDA A LEVANTAR.SAEM DE CENA LENTAMENTE).

FIM DO SEGUNDO ATO

música.

3º ATQ

CENA 9LARA -

(NOITE. LARA, ENVELHECIDA, ENTRA EM CENA ARRASTANDO A PERNA DIREITA. DE VEZ ENQUANTO OLHA PARA O LADO E FUNGA. PÁ-RA NA FRENTE DA MESA. CONTINUA A CAMINHAR PARANDO NA RIBALTA. OLHA PARA MANUELA.)

música -

LARA - Manuela! Como estas bonita neste retrato...

(CONTINUA A CAMINHAR.)

LARA - Chiuf, chiuf, vem ca gatinho sa fado! Onde será que se medeu esse gato? (PAUSA) Chiuf, Chiuf, eu prometo não colocá-lo na panela, Napoleão. (PAUSA) Ah! Estas aí, atrás da cadeira, me olhando com estas duas bolinhas de gude no lugar dos olhos, é? (PAUSA, AVANÇA LENTAMENTE POR DETRÁS DA CADEIRA. Não adianta ficar escondido. Vou te pegar mesmo assim. A vovó Lara quer brincar contigo. Napoleão, vem cá na vovó... (PAUSA) Ah! Estas encolhido aí embaixo da cadeira. Ora, ora, que tristinho, todo encolhido de medo. A vovó não vai te machucar. A história da panela é brincadeirinha. (LARA ABAIXA-SE E LEVA A MÃO, TENTANDO PEGAR O GATO. NUM ÚLTIMO ESFORÇO LARA DERRUBA A CADEIRA.) Viu o que você fez, Napoleão. Derrubei a cadeira, E agora? Como vou levantá-la sozinha. (ESFORÇA-SE MUITO PARA POR A CADEIRA DE PÉ) Acho que vou descansar um pouco, Napo

poleão me deixa tão cansada. (CAMINHA EM DIREÇÃO A MESA. PEGA UM PORTA RETRATOS E TORNA SENTAR-SE).

LARA - Manuela ... Que saudades! Quanto tempo faz? Minha memória anda me traíndo. Foi depois da morte de JK. Ela apareceu como uma mendiga, completamente doente. O cafageste nunca apareceu. Deve ter acabado de modo miserável. Todos como ele acabam assim. (PAUSA) Leucemia aguda. Coitada. Uma moça tão boa, tão cheia de virtudes, tão bonita... Eu era muito chata, mas ela não. Que rica pessoa. Merecia ter tido outra sorte. (PAUSA) Napoleão. Estas aí empoleirado na janela! Já, já vou te pegar, gato safado. (PAUSA. OLHA PARA O PORTA RETRATOS) Podíamos ter envelhecido juntas, Manuela. Seria maravilhosa. Briga todo o santo dia! Eu não precisaria andar correndo atrás de um gato que não existe, só para não me sentir sozinha, abandonada. (PAUSA) A vida teria outro significado. Mas acabou. É como um novelo de lã; no início ele é gordo e fofo, depois... depois resta apenas o papelão onde os fios estavam enrolados. (PAUSA) A vida é assim mesmo. Alegria no início, melancolia e tristeza no final. Ah! Gabriela, que saudades! J.K., venha ver Gabriela; como ela está bonita. cheia de vida! Os cabelos são negros

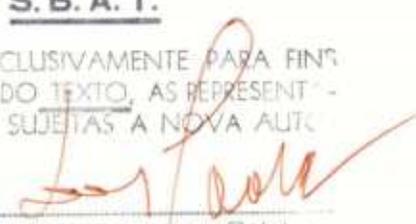
mo a noite; os olhos... ah!, os olhos, são azéitonados, brilhantes! deixam os homens loucos! Napoleão! deixe esse ra tinho aí e venha ver... Manuela! Ela sorri para mim com graça! (PAUSA) Não' sei porque, mas ultimamente ando lagri mejando demais, deve ser a umidade, dizem que (DIZER O NOME DA CIDADE ONDE A PEÇA ESTIVER SENDO ENGENADA) é muito ú mida. (PAUSA) Estou me sentindo tão '' cansada. Acho que vou dormir um pouco. Napoleão, onde estas, gato dos quintais solitários, das salas acochegantes, mas tristes, das poltronas fofas, mas sem' calor humano... (PAUSA) Venha para o co lo da vovó Lara... (RI) Venha aquecer, venha me sentir viva, não uma espécie de saco cheio de ossos, animado debilmente por fios de vida, ligados a um coração cansado de bater, cansado de vi ver. (PAUSA) Isto, pule aqui, no colo' da vovó Lara. Vou dormir, me sinto tão cansada. Pare de me lamber, Napoleão. (RI. FECHA OS OLHOS. COMEÇA A BALANÇAR SE ATÉ PARAR. A CORTINA VAI FECHANDO. QUANDO A CORTINA FECHOU. AS DUAS MENDI GAS, UMA DE CADA LADO DO PALCO, ENTRAM EM CENA, ENQUANTO MAURÍCIO, TRAVESTIDO DE SANTO, ABENÇOA A PASSAGEM DAS DUAS.

música

PIM

S. B. A. T.

LIBERADO EXCLUSIVAMENTE PARA FINS DE CENSURA DO TEXTO, AS REPRESENTAÇÃO ESTÃO SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO.

  
Representante em Pelotas